



O Coração de Antracite: Memórias de São Pedro da Cova

De Adelina Silva



Em São Pedro da Cova, o céu nem sempre era azul. Muitas vezes, era da cor do fumo que saía das chaminés e do pó que cobria as casas. O Zé, um mineiro de rosto vincado, e o seu filho mais velho, o António, preparavam-se para mais um dia de labuta. Viviam numa das "casas da malta", habitações pequenas e precárias onde o frio entrava pelas frestas das paredes de madeira, e o espaço mal chegava para a família e os sonhos que carregavam.





A despedida era curta e silenciosa. A Rosa, com apenas sete anos, já não ficava em casa a brincar. Tal como o testemunho da pequena Rosa Oliveira, ela também tinha de ajudar. A mãe, a Soraia, apertava-lhe o xaile em torno dos ombros pequenos. Não havia escolas para muitos filhos de mineiros; havia apenas o chamamento da terra e a necessidade de ganhar alguns réis para o pão.





O poço da mina era uma boca negra que engolia centenas de homens todos os dias. Lá em baixo, a centenas de metros de profundidade, a maquinaria era um luxo inexistente. O Zé e o António desciam em gaiolas de ferro que rangiam com a humidade. No subsolo, a única luz vinha das candeias de acetileno que projetavam sombras dançantes e assustadoras nas paredes de rocha viva.





Para a pequena Rosa, o trabalho era pesado para os seus braços finos. O seu serviço era o transporte de carvão em giguinhas à cabeça ou pequenas cestas. Ela caminhava descalça ou com socos gastos pelas galerias baixas, onde o teto parecia querer tocar-lhe no topo da cabeça. A humidade entranhava-se nos ossos e o medo do escuro era substituído pelo cansaço extremo que lhe fechava os olhos.





O António trabalhava com o Duarte, um rapaz pouco mais velho que ele. Juntos, empurravam e puxavam os "cubos de madeira", recipientes pesados cheios de antracite. Não havia carris modernos nem vagonetas automáticas em São Pedro da Cova naquela época. Tudo era movido à força de braços e pernas, num vai-vém constante entre a frente de extração e o poço principal, onde o minério subia para a superfície.





A água era um inimigo constante no subterrâneo. Para evitar que as galerias ficassem inundadas, o Zé e o seu colega Albano operavam bombas manuais. Era um trabalho monótono e exaustivo, subindo e descendo as alavancas de madeira durante horas a fio. A água que retiravam estava muitas vezes misturada com o pó negro, criando uma lama viscosa que tornava cada movimento um desafio físico hercúleo.





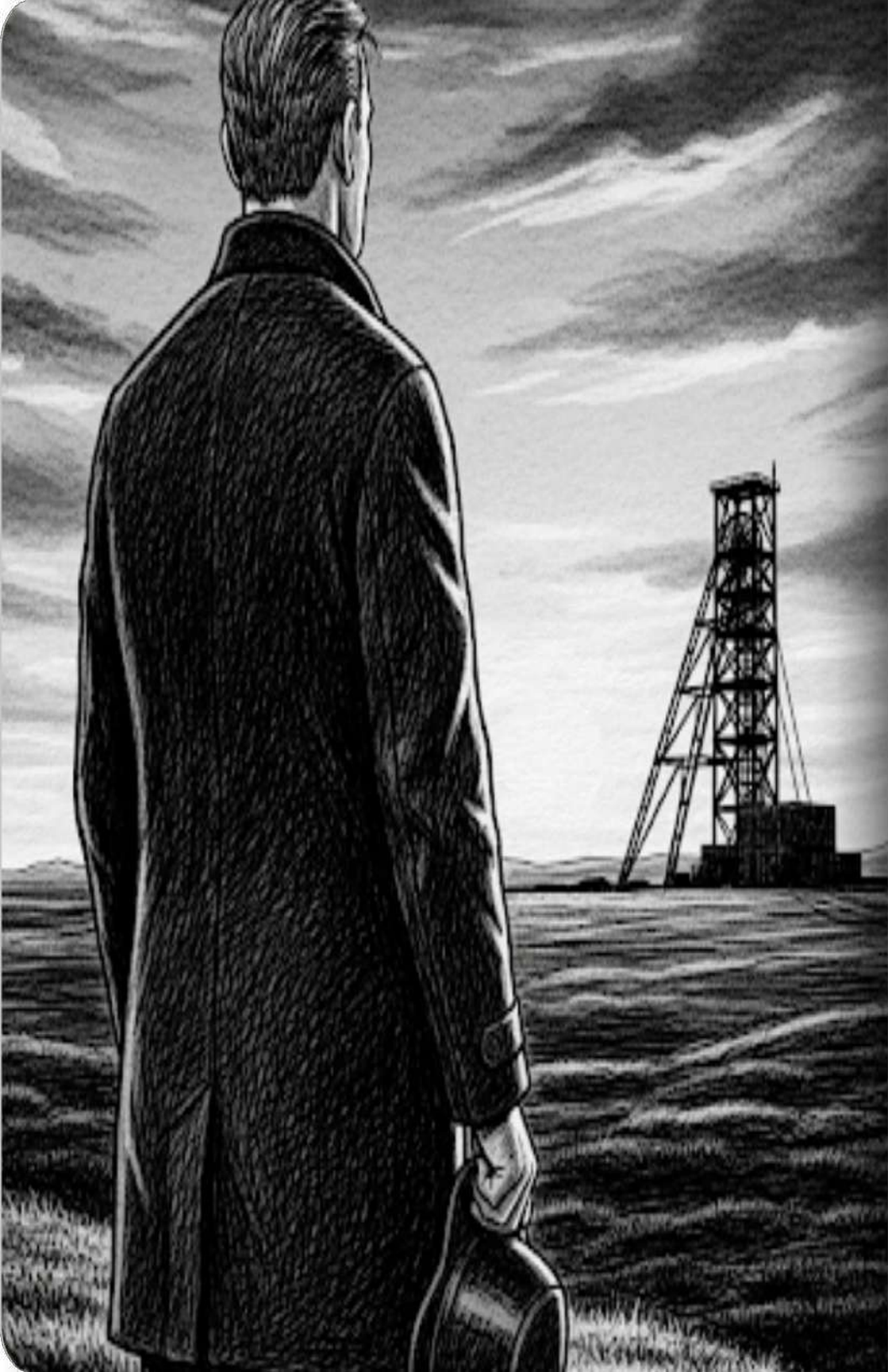
Mas o perigo mais insidioso não era a água nem o desabamento, mas o próprio ar. A atmosfera no fundo da mina era nociva, carregada de pó de carvão que flutuava como uma névoa invisível. O Zé começou a tossir, uma tosse seca e profunda que parecia vir do fundo da alma. Era a "doença dos mineiros", as complicações respiratórias causadas por anos a fio a respirar aquele pó negro que endurecia os pulmões.





De volta à "casa da malta", a Soraia tentava manter o ânimo. Ela e a Rosa preparavam uma sopa rala num fogão improvisado. Não havia apoio social, nem seguros, nem reformas. Se um mineiro adoecia, a família passava fome. A vida era uma luta diária contra a pobreza, e a solidariedade entre vizinhos era a única rede de segurança num mundo que parecia ter esquecido aqueles que trabalhavam no escuro.





As Minas de São Pedro da Cova fecharam décadas mais tarde, deixando para trás o icónico cavalete de extração como um esqueleto de ferro contra o horizonte. A história do Zé, do António e da Rosa é a história de milhares de famílias que deram o seu sangue e suor à terra. Hoje, lembramos a sua coragem e as condições desumanas que enfrentaram, para que a memória de quem viveu no coração da antracite nunca se apague.

